

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT19.010

INFOGRÁFICO DIGITAL: UMA INTERVENÇÃO DIDÁTICA SOBRE A DENGUE EM LÍNGUA INGLESA NO VIÉS DOS MULTILETRAMENTOS

Patrícia Maria da Silva¹

Aline Moreira da Fonseca Nascimento²

Silvânia Aparecida Alvarenga Nascimento³

Anair Valênia Martins Dias⁴

RESUMO

O Plano Nacional de Educação (PNE) tem o importante papel de orientar as ações na área educacional do país e é elaborado para vigorar por um período de dez anos, encerrando-se nesse ano de 2024. Logo, pensar a educação para o próximo decênio é desafiador, principalmente considerando as mudanças constantes na vida humana decorrentes do desenvolvimento acelerado da tecnologia e as diversidades culturais e linguísticas. Tendo em vista que essas mudanças acontecem de forma global, dialogando ao mesmo tempo com questões locais e regionais, o Grupo Nova Londres (GNL) (1996), a partir do *Manifesto da Pedagogia dos (Multi)letramentos*, vem promovendo discussões que demonstram a necessidade de a escola pensar em práticas sociais que insiram os estudantes no contexto das mudanças, visando ao desenvolvimento das três dimensões da vida humana: privada, pública e social. Com base nesses aspectos elencados, este artigo é fruto de uma intervenção didática em língua inglesa realizada em uma escola pública de Catalão-GO em

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão - UFCAT, patriciagog2009@hotmail.com.

2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão - UFCAT, alinedoutoradofederal2022@gmail.com email.com.

3 Doutoranda do Curso de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão - UFCAT, silvania-slim@hotmail.com.

4 Pós-doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília-UNB, Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão - UFCAT, anairvalenia@ufcat.edu.br.

que a temática esteve associada aos acontecimentos locais e nacionais a respeito do combate e prevenção da dengue. Dessa forma, por meio do gênero infográfico digital, vislumbraram-se possibilidades de produzir conhecimento, informando os estudantes e a comunidade escolar acerca da gravidade da doença. Para discutir o assunto, apoiamo-nos teoricamente na Pedagogia dos (Multi)letramentos do GNL (1996), em Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), Monte-Mor (2020) e Rojo (2013). Consideramos pertinentes nessa proposta de intervenção as discussões acerca do desenvolvimento do protagonismo e inserção dos alunos nas culturas digitais e práticas sociais cotidianas de linguagens conforme os pressupostos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os resultados demonstram engajamento, participação e produção de conhecimento manifestados nas produções autorais dos alunos.

Palavras-chave: Língua inglesa, Multiletramentos, Gêneros digitais.

INTRODUÇÃO

Com o intuito de pensar em uma educação que reconheça os contrastes, especialmente sobre a inclusão social e digital, visando ao cuidado com a saúde, à preservação do meio ambiente, ao desenvolvimento tecnológico acelerado, à diversidade cultural e linguística e à prevenção de doenças, o Plano Nacional de Educação, doravante PNE, precisa promover mudanças neste novo decênio, visto que esse documento tem a função de orientar ações na área educacional em todo o país.

É inegável que a tecnologia e os gêneros digitais passaram a fazer parte do planejamento escolar e, mesmo com uma série de entraves, a escola busca um ensino que prepare o aluno para um mundo cada vez mais globalizado. Diante disso, optamos por desenvolver um trabalho a partir do gênero infográfico digital para produzir discussões e agregar conhecimentos acerca da gravidade da dengue. Os dados sobre a dengue têm assustado toda a população de vários estados brasileiros.

De acordo com o Ministério da Saúde, a dengue é uma doença febril aguda, sistêmica, dinâmica, debilitante e autolimitada (Brasil, 2024). Ela é causada por um vírus, transmitido pela picada de um mosquito, o *Aedes aegypti*. Em relação aos sintomas, eles podem variar de leves a graves e, geralmente, aparecem de quatro a dez dias após a picada do mosquito infectado. O Ministério da Saúde registrou até o começo do mês de março deste ano 1,5 milhão de casos prováveis e 391 mortes em decorrência da doença no Brasil. Em virtude dessa proporção de casos e do potencial agravamento da doença, trata-se de um assunto que deve ser abordado nas escolas no intuito de conscientizar a população a partir da comunidade escolar, nesse caso, a 3ª série do Ensino Médio. E isso implica estruturar a aula baseada em importantes dimensões, como uma temática atual, um gênero digital e a busca por uma construção de sentido sobre algo realmente significativo para a vida do aluno.

Assim, em busca de envolvê-los nas aulas de Língua Inglesa, selecionamos o infográfico digital para abordarmos a temática, por ser um gênero que informa de maneira objetiva, eficaz e criativa, apresentando possibilidades de produzir conhecimento e informar os estudantes e a comunidade escolar acerca da gravidade da doença. Diante disso, esta pesquisa objetiva conscientizar, por meio da intervenção em língua inglesa, a partir do gênero infográfico, associado aos acontecimentos locais, regionais e globais, a respeito do combate e prevenção à dengue.

Para discutir o assunto, apoiamo-nos teoricamente na Pedagogia dos (Multi)letramentos, do Grupo Nova Londres, doravante GNL (1996), em Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), Monte-Mor (2020) e Rojo (2013). Consideramos pertinentes nessa proposta de intervenção as discussões acerca do desenvolvimento do protagonismo e inserção dos alunos nas culturas digitais e práticas sociais cotidianas de linguagens, conforme os pressupostos da Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC. Para cumprir esses propósitos, a metodologia adotada compreende inicialmente a apresentação do gênero digital e, a seguir, as três etapas da metodologia selecionada como cerne de nossa intervenção: a aprendizagem por *design*, que compreende a prática situada do *design*; fase de *designing* da temática, com o desenvolvimento da postura crítica dos aprendizes, e a prática transformada (*redesigning*).

A partir da apresentação da temática vivenciada pelos alunos no contexto escolar e comunitário, desenvolveremos as etapas acima, buscando, conforme orientam Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), conduzir o estudante a experienciar o aprendizado se colocando como protagonista nas produções autorais e nas discussões críticas acerca da temática. Assim, por meio dessa atividade, promovemos um engajamento mais profundo dos alunos, tanto no reconhecimento do gênero infográfico em língua inglesa, utilizando múltiplas semioses, quanto na conscientização sobre a dengue, abordando questões de saúde pública. Essa abordagem multimodal permitiu que os estudantes compreendessem a relevância das informações transmitidas, ampliando seu entendimento sobre o combate à doença e fortalecendo sua capacidade de interpretar e produzir textos em diferentes linguagens.

Concluimos, neste estudo, que o conhecimento aplicado em sala de aula deve estar sempre vinculado a temas relevantes e reais, com o objetivo de promover ações significativas diante dos desafios enfrentados pelos estudantes, pela escola e pela sociedade. A atividade proposta permitiu aos alunos uma maior conexão com sua realidade social, além de promover o desenvolvimento de habilidades críticas e práticas ao lidar com questões tão presentes em seu cotidiano.

A LÍNGUA ESTRANGEIRA NO ENSINO MÉDIO E O PNE

Pensar o local, regional e global é uma preocupação do GNL (1996), por meio do *Manifesto da Pedagogia dos (Multi)letramentos*, que vem discutindo as práticas sociais e o desenvolvimento das três dimensões da vida humana: pri-

vada, pública e social. Segundo Cope e Kalantzis (2013, p. 2, tradução nossa), a Pedagogia dos (Multi)letramentos procura desenvolver a produção de significados, tornando a pedagogia mais “produtiva, relevante, inovadora, criativa e capaz de transformar a vida” dos estudantes.

Conforme evidenciam Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 167), “a realidade em que vivemos não é um conjunto de coisas arbitrariamente lançadas juntas para significar algo, mas sim significados” vivenciados que se organizam em estruturas compreensíveis em nossa vida diária. Desse modo, a Língua Inglesa, de acordo com a BNCC, cada vez mais é caracterizada pelo seu uso híbrido e miscigenado, característico da sociedade contemporânea. Para isso, o documento afirma que:

Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias. Assim, o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos (BRASIL, 2018, p. 241).

A partir dessas premissas, entendemos que exercer a cidadania é engajar-se em situações que favoreçam o bem-estar coletivo e estimulem os outros a agir de forma consciente e positiva nos espaços em que vivem. Nesse sentido, o GNL (1996) refere-se à capacidade de os estudantes lidarem com as adversidades linguísticas e culturais e, a partir destas, conseguirem se conectar com questões de ordem local, regional e global, buscando uma evolução na vida pessoal, pública e cidadã. Acreditamos que a escola é responsável por propiciar um ambiente que estimule os alunos a praticar essas atitudes e, consequentemente, tornar-se agentes de mudanças em suas vidas e na realidade de suas comunidades.

O GÊNERO DISCURSIVO INFOGRÁFICO DIGITAL EM LÍNGUA INGLESA, COM O TEMA: COMBATE E PREVENÇÃO DA DENGUE

Essa proposta foi elaborada considerando algumas vertentes importantes no ensino de Língua Inglesa. A ideia é trabalhar um gênero digital a partir de um tema amplamente divulgado nas mídias sociais, presente no nosso cotidiano, a dengue. Esse assunto surge em propagandas, jornais, em panfletos distribuídos pelos agentes de endemias e vetores da nossa cidade, tornando-se um tema de grande relevância devido a sua gravidade. Em determinadas épocas do ano, a quantidade de pessoas infectadas alcança níveis alarmantes, e os dados preocupam toda a população. Em muitos casos, a doença pode causar uma série de sintomas debilitantes e desconfortáveis e, em situações mais graves, levar a óbito.

Diante disso, pensamos em construir com os alunos um infográfico sobre esse tema, que está em foco nas mídias sociais e em nossa comunidade, considerando as mudanças que ocorrem de forma global, dialogando com questões locais e regionais. Nesse sentido, a escola precisa adotar um ensino direcionado às demandas contemporâneas de compreensão e comunicação em diferentes mídias, que envolvem múltiplas linguagens e culturas.

A BNCC propõe que o aprendizado de Língua Inglesa seja realizado por meio de práticas linguísticas cotidianas, discursivas e da reflexão sobre elas. Ademais, o ensino por meio de gêneros discursivos digitais permite uma interação também nos ambientes externos à escola, propiciando “o desenvolvimento da linguagem por meio de práticas que materializam-se nas atividades dos aprendizes”, ampliando assim o repertório cultural dos educandos, conforme afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 15).

Sustentamos a ideia de um ensino que possa fazer com que o aluno desenvolva as habilidades propostas pela BNCC, pois o documento salienta que “o tratamento do inglês como língua franca impõe desafios e novas prioridades para o ensino, entre os quais o adensamento das reflexões sobre as relações entre língua, identidade e cultura, e desenvolvimento da competência intercultural” (BRASIL, 2018, p. 245).

Trabalhar na perspectiva dos multiletramentos pode ser possível com o uso da Tecnologia Digital da Informação e Comunicação, doravante TDIC, porque ela permite a interconexão de pessoas de diferentes lugares do mundo por meio de gêneros discursivos que circulam nos meios digitais. Esses textos são atraves-

sados por múltiplas culturas e identidades e compostos por multissemoses. O intuito da escola é preparar os estudantes para lidar com um mundo cada vez mais globalizado e digital, sabendo compreender e compor os sentidos dessas multissemoses nesses textos e, a partir das diversidades linguísticas e culturais, conseguir se conectar com questões de ordem local, regional e global.

Nesse sentido, o infográfico é um gênero digital que oferece uma abordagem criativa e eficaz no ensino de Língua Inglesa. Sua inclusão nas práticas de sala de aula, tanto para alunos quanto para professores, possibilita a exploração de imagens, gráficos e textos curtos, contribuindo para a sistematização do conteúdo em estudo de forma dinâmica. No entanto, o uso eficiente desse recurso exige não apenas a criatividade, mas também domínio para explorar esse recurso, e nem sempre estamos preparados para utilizar esse tipo de ferramenta.

Conforme explica Schmitt (2006, p. 18), o gênero discursivo infográfico digital também “pode ser compreendid[o] como um sistema híbrido de comunicação, pois ao empregar imagens, palavras e números, utiliza o sistema de comunicação verbal (palavras e sentenças) e o sistema de comunicação visual (imagens e representações gráficas)”. Saber criar ou interpretar o infográfico é importante para que o aluno compreenda conteúdos simples e complexos, uma vez que o infográfico apresenta a informação de forma clara.

Assim, o discente desenvolve a capacidade de selecionar informações importantes, planejar visualmente o conteúdo e definir a linguagem mais adequada para cada contexto. A escolha de cores, tipos de letras e imagens auxilia na articulação da linguagem, visto que utilizam recursos semióticos que fazem parte das perspectivas dos multiletramentos.

A PEDAGOGIA DOS (MULTI)LETRAMENTOS E A METODOLOGIA DA APRENDIZAGEM POR DESIGN

Desde que foi escrito em 1996, o *Manifesto da Pedagogia dos (Multi)letramentos* vem atraindo interesses de docentes e pesquisadores, pois elenca algumas problemáticas mundiais, demonstrando que a globalização impõe mudanças nos modos de produção, nos canais de comunicação e na circulação de informações. Entre as contribuições da Pedagogia dos (Multi)letramentos, é importante destacar que o “multi” engloba a multiculturalidade, no que diz respeito à diversidade de contextos culturais e linguísticos, e a multimodalidade compreende a diversidade de modos de significação.

De acordo com Rojo (2013), os multiletramentos são a peça-chave de um ensino-aprendizagem que favorece ao aluno extrapolar as fronteiras da escola. Isso no sentido de que a linguagem deve estar a favor de uma aprendizagem que proporcione as práticas sociais nas três dimensões da vida: “no âmbito do trabalho (diversidade produtiva), no âmbito da cidadania (pluralismo cívico) e da vida social, levando em conta, neste último caso, as identidades multifacetadas presentes no contexto escolar” (ROJO, 2013, p. 136). Nesse contexto, é inegável a necessidade de a escola pensar em práticas de aprendizagem que não estejam centradas em um único tipo de letramento, haja vista que a sociedade está cada vez mais digitalizada e complexa.

A escola precisa pensar em letramentos no plural, ou multiletramentos, que atendam à necessidade de compreender e comunicar-se por meio de diferentes mídias. Nesse sentido, o GNL (2021) ressalta a necessidade de considerar a experiência de mundo dos educandos e, a partir delas, desenvolver novas formas de conhecimentos e de ressignificação da aprendizagem, tornando-se uma forma produtiva de trabalhar. Além disso, o GNL (2021, p. 132) salienta que “o conhecimento humano é inicialmente desenvolvido, não como ‘geral’, mas como inserido em contextos sociais, culturais e materiais”.

Alinhada às premissas do GNL, a BNCC considera importante para a área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio a “ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria [dos alunos] nas práticas de diferentes linguagens, na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens” (BRASIL, 2018, p. 470). Ademais, o documento propõe o desenvolvimento de um estudante ativo das práticas sociais que envolva diferentes linguagens, culturas e mídias (BRASIL, 2018).

Como se pode verificar, a autoria nos textos, o protagonismo e o papel das mídias são elementos cruciais para o desenvolvimento de um estudante que saiba se apropriar dos *designs* disponíveis e, a partir deles, construir algo novo. O termo *design* foi introduzido pelo GNL (1996) e “pode englobar tanto um sentido mais restrito, isto é, uma instanciação de convenções e recursos construídos e reificados socioculturalmente, como um sentido mais amplo” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 165).

Ao buscar uma tradução para o português, Ribeiro (2020), um dos muitos autores brasileiros dedicados ao assunto, ressalta a dificuldade de expressar a amplitude da palavra *design*, por isso, destaca que optou por manter o termo em inglês. Além disso, *design* envolve um processo de construção e também o

produto final, conforme explicam Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 172, grifo nosso):

Escolhemos a palavra *design* pelo seu duplo significado fortuito. Por um lado, está presente em todas as coisas do mundo, padrões e estruturas que existem em coisas naturais e feitas pelo ser humano, como na forma do desenho de um relógio de corda ou na folha de uma planta. Assim, todas as coisas têm *designs*; incluindo as intangíveis, abstratas, como o conhecimento.

Além de o *design* expressar a forma e estrutura de algo, no sentido de se referir a algo enquanto substantivo ainda, pode estar relacionado a uma sequência de ações, podendo também ter um sentido de verbo, ou seja, do que pode vir a ser. De acordo com Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), *design* pode referir-se ainda à metalinguagem dos multiletramentos, às multissemioses dos textos da atualidade: visual, auditivo, tático, icônico, simbólico, entre outros.

Os *designs* estão interligados ao contextual, às questões culturais e do mundo digital que envolvem as TDICs, uma vez que, “através dos processos de *design*, as pessoas se apropriam de recursos disponíveis para ‘significar’ e os usam como blocos de construção para projetar novos significados” (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p. 165).

Assim, a proposta de Pedagogia dos (Multi)letramentos é entendida como uma integração complexa de quatro fatores, a saber: prática situada/*situated practice*; instrução aberta/*overt instruction*; postura crítica/*critical framing* e a prática transformada/*transformed practice*, conforme apresenta o Quadro 1:

Quadro 1: Fatores integrantes da Pedagogia dos Multiletramentos

Prática Situada:	Imersão na experiência e a utilização dos discursos disponíveis, incluindo aqueles provenientes dos mundos da vida dos alunos e simulações das relações existentes nos locais de trabalho e espaços públicos.
Instrução Aberta:	Compreensão sistemática, analítica e consciente. No caso dos multiletramentos, isto requer a introdução de metalinguagens explícitas, que descrevem e interpretam os elementos do <i>Design</i> de diferentes modos de significação.
Postura Crítica:	Interpretar o contexto social e cultural de determinados <i>Designs</i> de significado. Isso envolve o distanciamento dos alunos em relação ao que estão estudando e a visão crítica em relação ao seu contexto.
Prática Transformada	Transferência na prática de construção de significado, que coloca o significado transformado em prática em outros contextos ou locais culturais.

Fonte: New London Group (1996, p. 88, tradução nossa).

A Prática Situada (*situated practice*) compreende que é preciso partir de temas que despertem interesse e engajamento por parte dos alunos. De acordo com Rojo (2013), a Prática Situada deve partir das culturas do alunado a fim de alcançar o conhecimento sistematizado. Assim, a autora explica que é como chegar à Química por meio de um chá de erva-doce ou chegar ao gênero cânone por meio do rap.

Em consonância com a autora, Tilio (2021) destaca que é muito importante promover a imersão dos alunos em práticas sociais relevantes. Desse modo, o autor salienta que essas ações podem ser conhecidas ou não, pois, nesse caso, propicia aos alunos experienciar o novo. A Prática Situada permite ao professor conhecer melhor a realidade do aluno, buscando trabalhar o gênero que mais se identifica com determinada turma, de forma a adaptá-lo a sua realidade.

Já a Instrução Aberta (*overt instruction*) envolve a metalinguagem do trabalho por meio do *design*, favorecendo a relação entre reflexão teórica e prática. De acordo com o GNL (1996), esse processo acontece em tempo real a partir de significados já elaborados. Assim, o propósito dessa instrução é capacitar o aluno a ser mais consciente e aplicar o que foi aprendido de modo significativo e reflexivo.

Em se tratando de Prática Situada, o professor Tilio (2021) elucida que, apesar de o GNL dividir o processo em quatro etapas, não se explicita uma linearidade entre elas, de forma que a Postura Crítica pode acontecer durante todo o processo. Desse modo, Tilio (2021) acredita que podemos resumir o processo saindo de um ponto de partida para um ponto de chegada, nesse caso, a Prática Situada (*situated practice*) e a Prática transformada (*transformed practice*), sendo que as outras etapas são inerentes ao processo. O ponto final não seria então o ponto de chegada, mas uma das metas a serem atingidas.

Na dimensão do Postura Crítica (*critical framing*), espera-se que o professor busque explorar e polemizar a temática visando ao pensamento crítico. Dentro dessa perspectiva, Rojo (2013) entende que é preciso interpretar os contextos sociais e culturais de circulação dos *designs* e enunciados. A autora elucida que isso deve ser feito visando à Prática Transformada. A respeito disso, Tilio (2021) explica que prefere a tradução por Prática Transformadora e não transformada, porque entende ser um processo dinâmico e não acabado e pode vir a se tornar ponto de partida para a construção de outros *designs*. Em consonância com o autor, optamos por usar nesta pesquisa a palavra “transformadora” por com-

preendermos a dinamicidade dessa etapa na metodologia de aprendizagem por *design*.

A dimensão da Prática Transformadora (*transformed practice*) está relacionada à (des)(re)construção de saberes no ambiente de sala de aula, visando a uma produção autoral com conhecimento crítico. Nesse caso, entendemos que o conhecimento construído é projetado para o futuro com possibilidades de readequação.

Desse modo, o *redesigning* é o novo conhecimento modificado e os novos significados adquiridos pelos estudantes no processo de transformação. Sendo assim, as novas ações precisam apresentar características de transformação da realidade, ações criativas que partam de uma prática inicialmente proposta. Ao criarem e recontextualizarem o *design*, os estudantes percebem tratar-se de um ciclo de significados constantes.

Acerca da Prática Transformadora, o GNL esclarece que é muito importante que os estudantes percebam tratar-se de uma ação que envolve inovação e criatividade. Essas transformações “podem resultar em originalidade imaginativa, divergência criativa ou recombinação e justaposições híbridas que geram novos significados e situações” (COPE; KALANTZIS, 2015, p. 21, tradução nossa).

Desse modo, a aprendizagem por *design* visa a desenvolver uma postura crítica por parte do estudante, no sentido de saber construir significados para si mesmo e saber externalizá-los por meio da comunicação com os outros. Dentro desse contexto, Monte-Mor (2020) critica a educação prescritiva de outrora, que privilegiava o desenvolvimento das quatro habilidades básicas, falar, escrever, ouvir e ler, porém, não conseguia fugir do seu caráter normativo, pois, além de trabalhar as habilidades básicas, “nada substitui a importância de um ensino crítico, que é a base de toda aprendizagem cidadã” (TILIO, 2017, p. 19).

Corroborando a explanação de Tilio (2017), Monte-Mor (2020) explica que, no Brasil, há um número considerável de pesquisas acerca dos multiletramentos, entretanto, é preciso que a aplicação dessa teoria na prática não seja reduzida aos esforços de pesquisadores e alguns grupos de professores, mas que seja uma política pública que vise desenvolver multiletramentos capazes de atender à realidade da educação brasileira.

Dentro desse contexto, pensar a Educação para o próximo decênio implica colocar em prática teorias que possam dialogar ao mesmo tempo com a realidade brasileira e com as metas que se deseja atingir para a educação no país. Diante das particularidades da educação brasileira e da nossa realidade, em

face das escolas dos países pertencentes ao GNL, Inglaterra, Austrália e Estados Unidos, entre outros, acreditamos que é preciso conhecer a fundo a teoria dos multiletramentos a fim de buscar subsídios para adequá-la à realidade das escolas e do público do Brasil.

Considerando os diferentes modos de significação dos textos que circulam na contemporaneidade, entendemos que propor discussões a respeito da dengue, a partir do gênero infográfico digital, é um modo de incluir os estudantes nas práticas digitais que envolvem a linguagem e, ao mesmo tempo, oportunizar condições de aprendizagem que propiciam uma participação social ativa.

Dentro desse contexto, apresentaremos a intervenção didática realizada que visa a dialogar com a Pedagogia dos (Multi)letramentos abordando uma realidade, ou seja, uma problemática que atinge não somente o local, mas o regional. Por meio de suas próprias experiências, sejam elas pessoais ou coletivas, os estudantes puderam trazer suas vivências para o contexto escolar, utilizando a leitura de infográficos como ferramenta para adquirir informações importantes sobre a doença. Esse conhecimento se estende para além da sala de aula, sendo aplicado em suas vidas pessoais, na de seus familiares e na comunidade, incentivando ações de cidadania. As informações discutidas, como formas de contágio, sintomas e medidas de prevenção, tornam-se recursos valiosos para enfrentar a dengue de maneira consciente e proativa.

A INTERVENÇÃO DIDÁTICA

Iniciamos a intervenção didática com a apresentação do gênero infográfico digital. Em linhas gerais, o infográfico digital possibilita a compreensão de informações de forma objetiva, clara e criativa. Muito utilizado pela mídia jornalística, materiais didáticos e campanhas publicitárias, esse gênero, como mencionado, é um recurso eficaz, visto que torna o assunto fácil, de forma rápida e dinâmica de ser entendido.

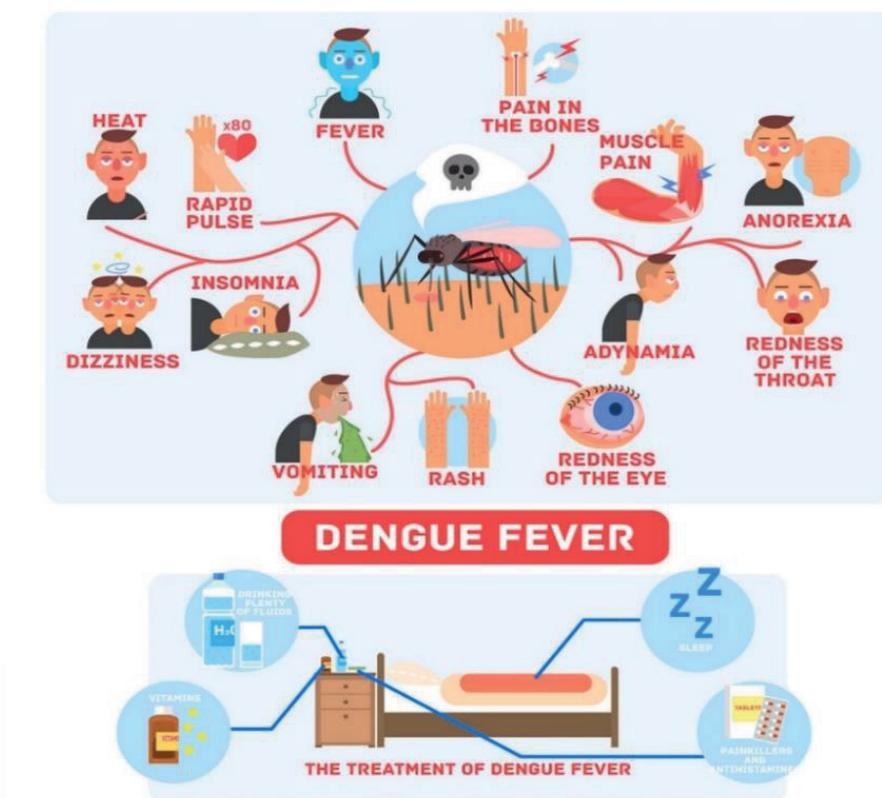
Partindo da temática da dengue, iniciamos com a Prática Situada do *design*, apresentando aos alunos alguns infográficos, conforme expresso nas Figuras 1 e 2:

Figura 1: Infográfico digital Dengue fever



Fonte: <https://pt.dreamstime.com/infographic-da-febre-de-dengue-bonito-image150317171>. Acesso em: 12 mar. 2024.

Figura 2: Infográfico sintomas e tratamento da dengue



Fonte: https://www.google.com/search?sca_esv=3b07b09e3325eaa7&sca_upv=1&rlz=1C1S-QJL_p t-. Acesso em: 12 mar. 2024.

A Prática Situada propicia a apresentação do tema e a avaliação prévia do conhecimento dos estudantes acerca da temática. Assim como a situação vivenciada na prática era um momento de aumento de casos de dengue, a maioria dos estudantes tinha algo a falar. Para dinamizar o diálogo, algumas perguntas foram elaboradas:

1. Prática situada do *design*:
 - *Have you ever had dengue?*
 - *Has anyone in your family ever had dengue?*
 - *Do you know the symptoms of dengue?*
 - *If you already had dengue, what symptoms did you have?*
 - *Do you know how dengue is transmitted to humans?*
 - *What are the forms of prevention?*

Desse modo, à medida que se exploram os infográficos, o professor vai questionando os alunos acerca do conhecimento prévio sobre a dengue, as experiências vividas em relação a si, familiares, amigos e comunidade escolar. Ao investigar os conhecimentos prévios, é importante conhecer a realidade dos estudantes explorando as potencialidades das informações trazidas nos infográficos, tais como imagens, diferentes linguagens, quadros, legendas, números, tabelas, ilustrações, entre outras.

Percebendo a motivação e o engajamento dos alunos, seguimos com a próxima etapa, já na segunda aula. Antes de iniciar essa etapa, explicamos detalhadamente e orientamos os estudantes a respeito de como seria conduzida a atividade, alinhando-a com as dimensões da Instrução Aberta. Buscamos utilizar a multimodalidade e incentivar a interação dos estudantes. Para esse momento de compreensão, elaboramos perguntas com implicações sociais, culturais e históricas, que se seguem abaixo:

2. Instrução Aberta – (*Designing da temática*)
 - *Is dengue a disease that only affects Brazil?*
 - *In which regions dengue most common?*
 - *How does the population face dengue around the world?*
 - *How do public policies to combat dengue work at municipal, state and national?*

- *Do you know how public policies to combat dengue work in other parts of the world?*

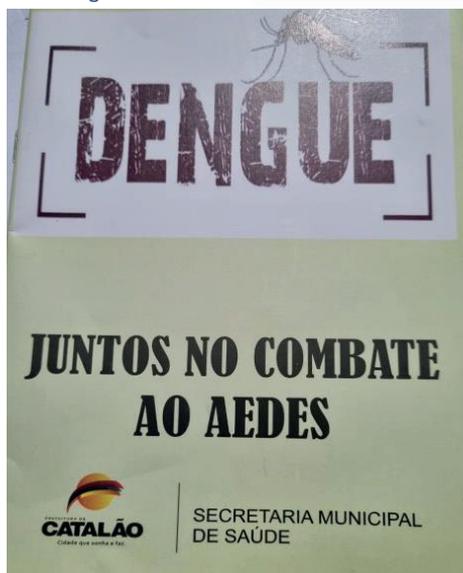
Na fase da Instrução Aberta, a escolha do gênero é muito importante, pois as características multimodais ajudam na composição dos sentidos e na compreensão geral do texto pelos estudantes. Nessa etapa, é importante explicar aos estudantes como serão realizadas as atividades. Assim, para melhor compreensão das questões elaboradas, optamos por passar um vídeo em inglês sobre a temática da dengue. Escolhemos um vídeo divulgado no estado de Illinois, nos Estados Unidos da América. O vídeo discorre acerca da transmissão e combate à dengue, exemplificando dez medidas que podem ajudar na prevenção da doença.

A escolha do vídeo possibilitou trabalhar o diálogo entre o local, regional e global, haja vista que se trata de uma campanha de combate à dengue desenvolvida em outro país. Além de perceber que outras regiões de clima tropical e subtropical ao redor do mundo também enfrentam a dengue, os alunos foram direcionados a realizar pesquisas para descobrir como outras populações no mundo têm enfrentado a doença e como funcionam as políticas públicas de combate à dengue em outras localidades.

Ao discutirmos políticas de combate à dengue, surgiu a ideia de convidar um responsável da Secretaria Municipal de Saúde para realizar uma palestra aos estudantes a respeito de como funcionam as campanhas de combate à dengue na cidade. Então recebemos a visita da responsável pelo departamento de endemias, que realizou uma palestra explicativa para os estudantes, esclarecendo dúvidas, reforçando a importância da participação da sociedade nessa luta. Além disso, foi disponibilizado aos estudantes um caderno da Secretaria Municipal de Saúde intitulado “Juntos no combate ao aedes”.

Assim, além de obter informações importantes, os estudantes puderam levar as informações e o caderno disponibilizado para as suas famílias. Posteriormente, a professora de Ciências e Biologia aproveitou o material para desenvolver estudos em sala de aula sobre a dengue. Todas essas discussões foram consideradas para o seguimento da etapa posterior.

Figura 3: Cartilha de combate à dengue



Fonte: Secretaria Municipal de Saúde de Catalão-GO.

3. Prática Transformadora (*Redesigning*)

Nesse momento de compreensão da Prática Transformadora, notou-se uma (re)construção de saberes no ambiente de sala de aula, a partir do tema trabalhado. Ao propor aos estudantes que elaborassem um infográfico digital a respeito da temática, muitas dúvidas surgiram. A princípio, deveriam escolher um aplicativo adequado e decidir como trabalhar, se individualmente ou em duplas. Nessa etapa, foram muitas as dúvidas sobre a efetividade da internet, pois não sabíamos se conseguiríamos desenvolver as produções em sala usando os *crombooks* disponibilizados pela Secretaria Estadual e se a conectividade da internet permitiria esse trabalho dentro da escola.

Então, foi decidido de forma coletiva que as produções seriam realizadas em duplas, conforme a temática escolhida por eles, e que deveriam explorar a multimodalidade nos textos, escolher a linguagem apropriada e o suporte que consideravam adequado para a produção. Muitos alunos usaram a plataforma on-line de *design* e comunicação visual Canva para produzir seus textos. Quanto à socialização das produções, ficou decidido que utilizariam inicialmente o WhatsApp da turma e, posteriormente, as mídias sociais Facebook e Instagram da escola e/ou pessoal para divulgar as informações para a comunidade escolar e a população, de forma geral.

Aos poucos, os estudantes foram produzindo os infográficos digitais. O trabalho colaborativo foi evidenciado, pois eles se ajudaram trocando experiências e conhecimentos e inserindo informações importantes. As dificuldades foram muitas, porém não impediram o engajamento e a participação criativa dos alunos, além de proporcionar a potencialização dos letramentos digitais e a socialização de informações de suma importância a todos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na etapa 1, que compreendeu a dimensão da Prática Situada do *design*, foram abordadas perguntas relacionadas à apresentação do assunto e avaliação prévia dos conhecimentos dos alunos acerca da temática. Nesse caso, como a proposição estava relacionada à dengue, os estudantes puderam relatar situações reais e refletir sobre o assunto.

A respeito das Práticas Situadas, Rojo (2013) nos chama a atenção para que estas partam da cultura e dos interesses do alunado para que, a partir dessas, eles possam chegar ao conhecimento sistematizado. No caso do infográfico digital, partimos de uma temática que constitui um problema atual e de calamidade pública. Ao dar voz aos alunos, percebemos que muitos estavam vivenciando situações de enfrentamento da dengue relacionadas a si próprios ou a algum parente próximo. Então todos tinham uma história para contar.

Em consonância com Rojo, Tilio (2021) também entende que a Prática Situada faz mais sentido quando parte das vivências dos alunos ou de situações que lhes permitem experienciar o novo. Nesse sentido, Cope e Kalantzis (2015, tradução nossa) orientam os professores a pensar em situações em que possam simular essas práticas com os alunos. De acordo com essa perspectiva, o gênero infográfico digital possibilita aos alunos uma aprendizagem significativa, tendo em vista que o professor busca compreender melhor a realidade dos seus alunos, adaptando o gênero ao contexto em que se pretende ensinar.

Também se pode enfatizar nessa dimensão a capacidade de negociação do conhecimento, haja vista que as discussões aconteceram de forma a respeitar diferentes opiniões. Ao investigar o grau inicial de conhecimento dos aprendizes, foi possível propiciar reflexões e engajamentos para as etapas seguintes.

Na etapa 2, segunda aula, iniciamos a fase do *designing* da temática. Procuramos explorar a multimodalidade dos textos, buscando uma leitura atenta das diferentes linguagens e a composição de sentidos para o entendimento da

mensagem principal. Entre a Prática Situada e a Prática Transformadora, Tilio (2021) elucida que ocorre a instrução. Ele adverte que os alunos devem ser induzidos a produzir conhecimento.

Nesse sentido, ao discutir as questões relacionadas ao enfrentamento da doença em níveis locais, regionais e globais, percebemos que, além do gênero infográfico, o vídeo disponibilizado e as pesquisas realizadas pelos alunos propiciaram um entendimento de como as diferentes comunidades ao redor do mundo lidam com a doença. Ao mesmo tempo, os estudantes puderam refletir criticamente acerca da importância da fomentação de políticas públicas que ajudam na prevenção e combate à dengue. Além dos fatores mencionados, as informações adquiridas, a consciência e a responsabilidade em relação ao próximo despertaram a responsabilidade de agir diante do enfrentamento da doença, possibilitando a construção de conhecimento para as três dimensões de suas vidas: privada, cívica e pública, conforme explicita o GNL (1996).

Assim, nas discussões empreendidas nessa aula, percebemos um olhar crítico e reflexivo diante de situações que não são apenas globais, mas locais, e que envolvem diferenças culturais, sociais, econômicas, etárias e sexuais presentes em diversos lugares sob diferentes formas.

A etapa 3 compreendeu a Prática Transformadora (*redesigning* da proposta), na qual se pretende construir uma (des)(re)construção de saberes. É preciso pensar em maneiras de agir críticas e éticas. Desse modo, Coscarelli e Kersch (2016) nos alertam que trabalhar com as novas tecnologias nos possibilita o diálogo entre o local e o global. Então, a formação pela diversidade propõe o conhecimento e o diálogo entre culturas diferentes, com a utilização de textos multimodais.

Dentro desse contexto, Tilio (2021) salienta que, no seu entendimento, a Pedagogia dos Multiletramentos pode ser compreendida a partir de dois pontos: a Prática Situada e a Prática Transformadora. O autor explica que, entre uma e outra, a Instrução Aberta e a Postura Crítica já estão presentes de forma indutiva.

Além de explorar questões de linguagem, não se pode deixar de destacar que a atividade utilizou a capacidade de letramento digital dos alunos. Acionando Monte-Mor (2020) para essas discussões, é importante frisar que a autora, ao se referir à capacidade de trabalhar a cultura digital, explica que não se trata apenas de ser atualizado ou não, mas da capacidade que o professor tem de relacionar as discussões aos sujeitos, suas histórias, seus locais, considerando ainda as experiências anteriores. Portanto, compreendemos que a dimensão da

Prática Transformadora deve propor discussões de ordem social, cultural, global, local e propiciar o diálogo vislumbrando a equidade e o bem-estar coletivo.

Por fim, a produção autoral dos estudantes demonstrou que eles foram capazes de ressignificar a proposta inicial, construindo conhecimentos e produções autorais, desenvolvendo formas de leitura e criando significados a partir de suas vivências. Por meio do Aprendizado por *design*, os alunos foram capazes de acionar suas capacidades linguísticas na leitura do gênero em questão e, a partir disso, construir sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa intervenção didática possibilitou-nos refletir acerca da importância do PNE na orientação de ações educacionais por um período significativo de dez anos e como as políticas públicas para a educação precisam dialogar com uma educação voltada para o desenvolvimento das três dimensões da vida humana: privada, pública e cidadã. Pensar a educação para o próximo decênio é reconhecer as grandes mudanças pelas quais a população está passando e buscar apropriar-se destas para a construção de um futuro melhor.

Nesse sentido, acreditamos que a Pedagogia dos (Multi)letramentos cunhada pelo GNL (1996) apresenta pontos relevantes a serem considerados e colocados em prática no contexto escolar. Isso não implica dizer que seja algo simples, porque, sem dúvida, não é. Em se tratando de educação, não há nada simplista, mas pode ser um caminho para o reconhecimento da diversidade, das mudanças tecnológicas que modificam as formas e os meios de circulação de textos, que conseqüentemente emergem em espaços e mídias sociais, deixando visível a diversidade cultural, linguística e as diferenças entre os povos.

Todos esses fatores aproximam os conhecimentos e favorecem a compreensão e a relação entre os acontecimentos de ordem local, regional e global. Então é preciso utilizar esses conhecimentos na sala de aula, buscando relacionar temáticas importantes que despertem ações significativas frente aos problemas enfrentados. Isso é o que propomos fazer ao aproveitar um acontecimento de calamidade pública enfrentado em nível local, reconhecendo que também se trata de um problema regional e global.

Dentro desse contexto, a língua inglesa, considerada como língua franca, deve ser acionada para aproximar contextos diferentes e favorecer uma visão mais ampla dos fatos estudados. Os resultados mostraram que é possível tra-

balhar os gêneros digitais na perspectiva da Aprendizagem por *design* dos multiletramentos, apesar das dificuldades encontradas nesse percurso em relação ao uso da internet e à disponibilidade de conectividade. Do mesmo modo, foi possível promover atividades significativas que puderam dar voz aos alunos, pois, nesse caso, eles conseguiram se manifestar acerca dos problemas vivenciados em relação à dengue.

Além disso, refletir e colocar em prática os letramentos digitais possibilitou incluir os estudantes em práticas sociais contemporâneas, tornando-os protagonistas no seu processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília: MEC/SEB/Consed/Undime, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Dados Epidemiológicos. **Portal Gov.br.**, 14 mar. 2024. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/dengue>. Acesso em: 20 set. 2024.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Multiliteracies: New Literacies, New Learning. In: HAWKINS, M. R. (Ed.). **Framing Languages and Literacies: Socially Situated Views and Perspectives**. Edited by M. R. Hawkins. New York: Routledge, 2013, p. 105-135.

COPE, B.; KALANTZIS, M. The Things You Do to Know: Na Introducing to the Pedagogy of Multiliteracies. In: COPE, B; KALANTZIS, M. (eds) **A Pedagogy of Multiliteracies**. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

COSCARELLI, C. V.; KETSCH, D. F. Pedagogia dos multiletramentos: alunos conectados? Novas escolas + novos professores. In: KERSCH, D. F.; COSCARELLI, C. V.; CANI, J. B. (org.). **Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2016, p. 7-14.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

GRUPO NOVA LONDRES. **A Pedagogy of multiliteracies designing social futures**. Harvard Educational Review, v. 66, n. 1, spring, 1996.

GRUPO NOVA LONDRES. Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuros Sociais. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 101-145, 2021. DOI: 10.46230/2674-8266-13-5578. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578>. Acesso em: 1º abr. 2024.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Trad. Petrilson Pinheiro. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2020.

MONTE-MOR, W. O ensino e o (A) professor(a) de línguas na sociedade digital. In: LEFFA, Vilson J. *et al.* (orgs.) **Tecnologias e ensino de línguas: uma década de pesquisa em linguística aplicada**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2020.

RIBEIRO, A. E. Que futuros redesenhamos? Uma releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos e seus ecos no Brasil para o século XXI. **Diálogo das Letras**, v. 9, p. 01-19, 2020.

ROJO, R (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

SCHMITT, V. **A infografia jornalística na ciência e tecnologia: um experimento com estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina**, 2006. 105 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

TILIO, R. Ensino crítico de línguas: afinal, o que é ensinar criticamente? In: JESUS, D. M. de (Org.). **Perspectivas críticas no ensino de línguas: novos sentidos para a escola**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2017.

TILIO, R. (Re)interpretando e implementando criticamente a Pedagogia dos Multiletramentos. **Revista Linguagem e Foco**, v. 13, n. 2, 2021, p. 33-42. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5569>. Acesso em: 12 mar. 2024.